



A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si Literatura homoerótica e escritas de si

Antonio de Pádua Dias da Silva

Central de Integração Acadêmica de Aulas, Universidade Estadual da Paraíba, Rua Domitila Cabral de Castro, s/n, 3º andar, sala 326, 58429-570, Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: magister.padua@hotmail.com

RESUMO. O objetivo deste artigo é problematizar a discussão em torno das homoafetividades na literatura e os impactos que a mesma causa, principalmente quando lemos obras a partir das estratégias dos autores em narrar em primeira pessoa e os significados que a escrita de si adquire para os leitores. Dada à importância da denominada 'literatura homoerótica' e do número de obras de ficção que abordam a subcultura *gay*, sustentamos ser esta problematização crucial para que entendamos a superação de valores discriminatórios, bem como perceber quem escreve, os motivos que levam sujeitos a relatar histórias homoeróticas e que pontos de vista atravessam esta literatura que está transformando o panorama da literatura brasileira na contemporaneidade.

Palavras-chave: homoerótico, literatura contemporânea, literatura *gay*.

Brazilian homoerotic literature and the writing on the self

ABSTRACT. Representations of same-sex affection in literature and its impacts are discussed. The above is especially important through the reading of literature analyzed from the authors' strategy of first-person narratives and what writing on the self means for readers. Due to the importance of homoerotic literature and the number of texts drawing upon *gay* subculture, the issue is highly crucial not merely to understand the elimination of discrimination but also to perceive who writes and their motives in telling homoerotic stories. The characteristics of this type of literature, which is transforming the scenarios of contemporary Brazilian literature, are investigated.

Keywords: homoeroticism, contemporary literature, *gay* literature.

Introdução

O mundo grego antigo com suas mitologias, deuses e modos de fazer política exerceu fascínio e influência em outras sociedades posteriores a ponto de práticas culturais como a pederastia¹ serem adotadas em outros contextos culturais – como Roma o fez –, assim como fortes modelos e concepções artísticas terem sido imitados ao longo de séculos, fosse na própria Roma antiga ou em períodos e movimentos como no Renascimento e no Arcadismo, momentos em que se percebe diretamente, com mais veemência, uma conotação grega em manifestações artísticas de várias culturas ocidentais, supervalorizando-se ideais estéticos pensados e mantidos por essa tradição.

Uma das práticas culturais que ainda tem exercido grande influência no campo artístico das culturas letradas do Ocidente contemporâneo é a

recorrência à pederastia, conhecida por amor grego, 'amor que não ousa falar o nome' (aforismo wildiano). Embora deslocada² em sua ideia base, constituía, por assim dizer, um comportamento 'tolerado' e institucionalizado na Grécia antiga, envolvendo a relação afetivo-educacional entre o *erastes* (homem mais velho) e o *erômenos* (homem mais jovem). Em alguns casos correspondia, à sua maneira, à noção de homossexualidade com a qual hoje dialogamos (DOVER, 2007; NAPHY, 2006).

A amizade grega, uma expressão usada para fazer referência diretamente às relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, mais propriamente

¹A pederastia, de acordo com estudiosos como Dover (2007), consistia em uma prática pedagógica entre um homem mais velho (*erastes*) e um homem impúbere (*erômenos*), baseada na troca de conhecimento e afeto (relação homosocial, pode-se dizer), de forma que, quando o mais jovem atingisse a idade dos primeiros pêlos na face ou a idade adulta, a pederastia cessava. O mais jovem, depois de passado este ritual de passagem, era inserido na aristocracia grega como sujeito-cidadão.

²O deslocamento se explica pelo fato de, tanto na literatura como em contextos sociais, as relações afetivas e sexuais entre homens sempre foram mais visibilizadas no direcionamento do homem mais velho cativar, aliciar ou assediar o mais jovem. Em *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, é Amaro (o mais velho) quem seduz Aleixo (o mais jovem); em *O menino do Gouveia* (1914), de Capadocio Maluco, é o mais velho quem apassiva Bemem (o mais jovem); tanto em *O imoralista* (1902), de André Gide, como em *Morte em Veneza*, de Thomas Mann (1912), é o mais velho quem procura rapazes; em *As Canções* (1921), de Antônio Botto, o sujeito lírico mais velho sempre espreita os adolescentes, assim como em *O Barão de Lavos* (1891), de Abel Botelho, o Barão procura assediar garotos para encontros sexuais em troca de dinheiro. Como é de se notar, o deslocamento da pederastia se dá em sua base ideológica: na Grécia antiga a relação educacional estava presente; nos textos citados, apenas a idade dos sujeitos corrobora a antiga prática, porque a razão de ser da relação é puramente sexual ou de negócio estabelecido entre prazer e dinheiro.

entre homens, tem sido uma constante no campo representacional das artes, seja na literatura, na dramaturgia, na escultura, na pintura, na fotografia ou em documentários. No campo literário, segundo Alexandrian (1994), os homossexuais³ sempre foram representados, mesmo quando essa representação emergia com as tintas do humor e da caricatura. A estereotipia era a marca central das personagens, reiterando-se, assim, a imagem que foi perpetuada, até meados do século XX, da pessoa homoafetiva ou daquela cujo objeto de desejo erótico endereçava-se para o outro do mesmo sexo: a relação homem mais velho e homem mais jovem torna-se obscena e constrói-se a figura do efeminado, fraco e afetado⁴.

Ao tomarmos a literatura de ficção, sobretudo a narrativa, como um modo de mimetizar⁵ as sociedades e suas dinâmicas de existência, torna-se difícil ao leitor-pesquisador não perceber nas 'malhas das letras' os temas emergentes na literatura contemporânea. Um dos temas já de bastante representação no texto ficcional, mas só recentemente 'descoberto', tem alcançado entre os leitores demandas antes não pensadas: a homoeroticidade. As investigações literárias, principalmente as discutidas em teses de doutorado no Brasil, têm apontado para questões de várias ordens sobre os sujeitos da ficção que se orientam afetiva e sexualmente para o outro do mesmo sexo. São as crises familiares, quando da descoberta da não heterossexualidade de um filho (*Confissões ao mar*, de Kadu Lago), da ambiguidade sexual de um marido (*Um estranho em mim*, de Marcos Lacerda), da descoberta de si frente aos outros (*Cinema Orly*, de Luís Capucho) ou a adesão a um estilo de vida não convencional, tornando as relações interpessoais mais livres das amarras de gênero e sexualidades (*Henrique e Primavera dos ossos*, de Álex Leilla). Este pequeno recorte temático, pela complexidade que se mostra na organização da psique dos sujeitos e nos processos de construção de si, reitera a importância da literatura que aborda a temática homoerótica.

³Cada época criou o seu 'monstro' sexual. Apesar de na Grécia antiga a pederastia, quando vinculada somente às relações afetivas entre os homens, ter sofrido rechaço, o valor da heteronormatividade não foi tão agressivo contra o desejo não heterossexual como nos séculos subsequentes. Termos foram sendo forjados e habitaram o imaginário do homem ocidental até fins do século 19, à medida que as sociedades enfrentavam o 'comportamento' afetivo-sexual entre pessoas iguais, sobretudo entre homens: invertido (a psicanálise freudiana apontava para este termo), onanista (Onã, personagem bíblica, evitava a reprodução da espécie, ejaculando na terra para não 'fertilizar' a mulher, fato que justificava a associação com os homossexuais: por não reproduzirem entre si) e sodomita (referência à cidade bíblica de Sodoma que se tornou conhecida pelo fato de seus habitantes homens desejarem sexualmente os anjos que pnoitaram na casa de Lot).

⁴A efeminação foi um estereótipo bastante reproduzido pelas mídias, por marchinhas carnavalescas, pelas pessoas em geral. O trabalho de Moreno (2001) é bastante rigoroso, neste sentido: analisa um *corpus* filmográfico brasileiro composto por 123 películas, produzidas entre 1923 e 1996, e constata que em todos eles, com raras exceções, é a imagem da 'bicha' que prevalece como estereótipo homossexual: desmunhecado, ou seja, afetado na voz, nos gestos, caricatura de um modo de ser mulher.

⁵O conceito de mimesis, aqui, é entendido, na esteira de Lima (1981), como um processo linguístico que projeta as representações sociais nas formas mimetizantes da ficção, sendo possível às representações estarem vinculadas à realidade ou à fantasia do autor que se queira estudar e discutir.

Acreditando ser necessária a abordagem, pelo estudo da literatura, da temática da homoafetividade, tanto no campo da pesquisa como no da prática docente, objetivamos problematizar o foco de muitas narrativas trazerem à tona o tema em questão, de forma sistemática ou constante nos últimos anos, nelas sendo perceptível um ruído nas relações autor, narrador(es) e personagem(ns), quando, da perspectiva da voz que narra, assume-se um ponto de vista que borra as visões clássicas sobre o assunto em pauta, integrando-o a uma nova perspectiva. Isto se justifica porque há um relativo e direto diálogo entre a pauta da agenda política contemporânea sobre a diversidade sexual (quanto às orientações homoafetivas e à reivindicação ou negação de subjetividades *gays*, lésbicas, *queer*) e a estetização dessas configurações no âmbito narrativo-ficcional, não como uma relação mimética, em seu sentido de *imitatio*, mas como aproveitamento de temas ou assuntos, polêmicos e atuais a serem projetados na escrita contemporânea.

Pretendemos com essa discussão apontar a literatura contemporânea de língua portuguesa, mais precisamente a brasileira, como capaz de demover lugares antes solidamente cimentados numa ou por uma cultura heteronormativa conservadora e perceber como personagens-sujeitos avançam nas relações sociais de poder. Esse avanço é percebido quando personagens questionam posições antes não possíveis para elas⁶ e alcançam voz e posições de poder, principalmente, quando elaboram formas de dizer de si, quando constroem lugares de livre trânsito para os iguais (embora esses lugares não sejam conotados como guetos), quando propagam imagens valorizando a si e aos outros da mesma subjetividade na relação físico-corporal, afetivo-sexual ou no trabalho, nas amizades, formas de constituir laços parentais e familiares, na crença religiosa.

Estudar essa produção da literatura brasileira contemporânea significa uma abertura para o entendimento de um campo de discussão que pretende estar presente por um bom tempo em projetos autorais de escritores brasileiros, como também, de escritores de outras culturas que investem na escrita de expressão *gay* por questões, principalmente, de ordem política, a exemplo dos Estados Unidos. Essa tendência contemporânea de fazer emergir questões *gays*, lésbicas, *queer*, homoafetivas reacende velhas discussões em torno de parte da produção autoral de escritores que não foram devidamente valorizados em sua época e, subsequentes, por questões não de ordem estética (em alguns casos, sim), mas de ordem 'ética', moral, religiosa e cultural, configurando forte preconceito e

⁶Fato que negava às personagens a entrada na sociedade, o livre trânsito por espaços públicos e respectiva mobilidade social, como ocorre no conto *Aqueles dois*, de Caio Fernando Abreu (1986).

discriminação a autores e obras que buscaram refletir o tema do amor entre iguais, a exemplo de Abel Botelho, António Botto, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, João do Rio, Cassandra Rios, Capadócio Maluco, dentre outros.

Discutir questões *gays* na e pela literatura, numa primeira visada, pode parecer um exercício estranho às atividades de um professor e crítico da literatura (também teórico), visto que o nível de discussão a ser entabulada exige daquele que se dispõe a essa empreitada o conhecimento de categorias teórico-metodológicas como ‘gênero’ e ‘sexualidade’, às vezes nem sempre de domínio daquele que envereda por esse caminho. Também poder-se-ia contra-argumentar que, em razão do pouco domínio desse assunto, por parte do profissional das letras/literatura, não haveria a necessidade de ‘invadir’ outras cátedras ou áreas para se chegar à literatura ou às leituras do texto literário.

É fato que, desde a década de 1960, estudiosos da literatura têm se preocupado não só com aspectos referentes às estruturas e/ou sistemas literários em si, mas com o conjunto de discursos que gravitam em torno de obras de ficção, de forma que, sem querer explicar essa questão pela alta demanda dos Estudos Culturais, outros temas que antes estiveram fora da ‘lista canônica’ invadem o cenário das letras, exigindo do profissional de literatura posições cada vez mais críticas diante de fenômenos que são constantemente redimensionados nas culturas.

Noções de gênero e de sexualidade têm se apresentado como uma constante pauta na agenda contemporânea não só de projetos autorais, do mercado, do público leitor, mas também como matéria de ensino contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais. As atuais políticas públicas são favoráveis à inclusão da diversidade sexual ou dos temas LGBT na grade curricular do ensino básico no Brasil como forma de promover a educação para o respeito ao outro, fato que desemboca nas aulas de leitura do texto literário (nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras) ou nas aulas de língua (no ensino básico), cujo estudo do texto literário dá-se no complexo programa de língua portuguesa.

Dois pesquisadores que se centraram na sistematização ‘canonizante’ do discurso em torno da literatura de expressão *gay* (ou homoerótica/homoafetiva), Woods (1998) e Drake (1998), continuam ainda como pilares para os pesquisadores da área com os títulos *A history of gay literature – the male tradition* e *The gay canon – great books every gay man should read*, respectivamente. Evidenciam-se, nestas duas obras, toda uma catalogação de textos universais que configuraram em suas páginas de ficção

o tema do desejo, da subcultura, da subjetividade, das dores, dos conflitos, dos dramas, das misérias e das vitórias *gays*. As duas obras são limitadas porque alcançam, no panorama que tem como meta, apenas as produções anteriores aos anos 2000, momento em que questões polêmicas sobre gênero e sexualidades se consolidam como um ramo de atuação no campo literário, visto que ampliam e, ao mesmo tempo, desagregam-se dos estudos feministas e de gênero, instituindo-se e consolidando os estudos *gays*, lésbicos e *queer*.

Essas obras não questionam ideias e projetos que só foram possíveis de serem aventadas e surgirem, com mais vigor, precisamente no século XXI, a saber, a união civil entre pessoas do mesmo sexo, o casamento *gay* e a adoção de crianças por pessoas ou casais homoafetivos (configurados na literatura brasileira e estrangeira deste mesmo século). De forma mais atualizada ou condizente com estas últimas questões, têm-se outras duas obras – *El amor de los muchachos – homosexualidad* e *Literatura*, de Melo (2005) e *Historia de la homosexualidad en la Argentina* – de la conquista de América al siglo XXI, de Bazán (2006), nas quais o leitor encontra um panorama das questões já situadas, bem como profundas reflexões políticas e culturais em torno do que estamos apontando como pauta nas agendas contemporâneas: os estilos de vida no cotidiano das pessoas e as representações, no âmbito artístico e, sobretudo, literário das subjetividades homoafetivas e *queer*.

Em contexto brasileiro e português, considerações sobre os ruídos culturais causados pelos estudos homoeróticos na e pela literatura ganham maior relevância após os anos 2000. Podemos perceber que *O homem que amava rapazes e outros ensaios*, de Lopes (2002) constitui um dos títulos que procurou sistematizar pensamentos reunidos em torno da literatura, da cultura e do pensamento homoeróticos. *Imagem e diversidade sexual – estudos da homocultura*, organizado também por Lopes et al (2004), referenda uma ampla discussão em torno de teorias, críticas, imagens, literaturas e leituras homoeróticas – todos os textos da organização foram resultantes do II Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH. A obra *Indisciplinar a teoria – estudos gays, lésbicos e queer*, organizada por Cascais (2004) reúne ensaios que discutem, do ponto de vista da literatura, da dramaturgia, da psicologia, da filosofia e de teorias, as aporias em torno dos conceitos ‘gênero’ e ‘sexualidade’, priorizando-se o diverso em detrimento das categorias classicamente lidas na relação polarizada ou binária, a saber, unicamente o masculino e feminino heterossexuais.

Pitta (2003), escritor e crítico literário português, em *Fratura – a condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea*, discute a questão da literatura *gay*, obra clássica nos estudos literários que gravitam em torno do pensamento *gay*. Nela, Pitta faz referência à primeira *Antologia de Literatura Homoerótica Portuguesa*, de 2001, embora construa um panorama dessa discussão em solo luso, trazendo à tona autores como Abel Botelho (com *O Barão de Lavos*), Mário de Sá-Carneiro (com *A confissão de Lúcio*) e António Botto (com *As canções* e outras obras). Nesta obra, o autor passeia pelas décadas do século XX, chegando a autores contemporâneos como Al Berto, grande nome da lírica portuguesa contemporânea de expressão *gay*. Além de apresentar os autores que se subsidiaram das questões de gênero e de sexualidade, o crítico discute a noção de ‘literatura de representação’ e ‘literatura *gay*’, concluindo que, pela falta de engajamento político na ficção, não se pode afirmar a existência de uma ‘literatura *gay*’ no Portugal contemporâneo. A produção de temática homossexual, no dizer do crítico, reitera apenas uma ‘literatura de representação’, porque calcada nos estereótipos sociais que foram projetados na e pela ficção.

À medida que autores da estirpe de Pitta trazem à tona questões teórico-críticas dessa natureza para arranhar, causar ruídos ou dessemiotizar os lugares estabelecidos da literatura com seus temas (também estruturas, formas e suportes), outras obras surgem e fazem nascer os mesmos e outros (ampliados) questionamentos em torno deste campo de discussão, configurando uma necessidade ou uma urgência de se produzir conhecimento neste sentido, a fim de que questões polêmicas no âmbito da literatura de ficção sejam dirimidas e a escrita de expressão homoerótica possa ter negociado o seu lugar junto a leitores.

Ingenschay organiza (2006) *Desde aceras opuestas – literatura/cultura gay y lesbiana en Latinoamérica*. Na coletânea, a literatura aparece como discurso competente para questionar lugares culturais de sujeitos. A revista *Bagoas*, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2007⁷, traz à tona todas as questões até aqui mencionadas. Em *Estilísticas da sexualidade*, Vale e Paiva (2006) organizam a obra em cujos artigos são discutidas as noções de gênero, sexualidade e ‘literatura *gay*’, com destaque para a negação da existência, no Brasil, dessa literatura, seja no artigo de Lemos (2006) ou no de Carvalho (2006).

⁷Este é apenas um exemplo de periódico, haja vista os vários números de outras revistas já consolidadas nacional e internacionalmente que dedicaram *dossiês* específicos sobre os estudos *gays*, *lésbicos* e *queer*. O diferencial, nesse caso, é que *Bagoas* é um periódico exclusivo de veiculação de idéias norteadas pelos estudos *gays*, *lésbicos*, *queer* ou referentes à subcultura *gay*.

Bonnici e Zolin (2003) organizam *Teoria literária – abordagens históricas e tendências contemporâneas*, obra em que apontam, em um dos capítulos, para a literatura homoerótica como um discurso emergente e em consolidação, seja pela relação de autores de ficção, seja pela crítica a essa produção literária. O próprio Bonnici (2007) em *Teoria e crítica literária feminista – conceitos e tendências*, elabora, a partir de verbetes, uma exposição simplificada das tendências teórico-conceituais no âmbito dos estudos feministas, de gênero, *gays*, *lésbicos* e *queer*. A *Queer Theory*, traduzida pelo crítico como a ‘crítica homoerótica’, é o que há de mais pós-estruturalista no campo dos estudos sobre sexualidade e questões de gênero pela literatura (embora a *Queer Theory* não seja um discurso que fundamente discussões desconstrucionistas sobre sujeitos exclusivamente na literatura).

Essa exibição de títulos e de autores que consideraram a homoafetividade um ponto nodal dos atuais ou contemporâneos estudos literários, na interface com as tendências políticas de sujeitos e de subjetividades, é também uma forma de chamar a atenção para o fato de que importantes pesquisadores e críticos literários têm dedicado parte do seu tempo para atender à demanda homoafetiva no campo da literatura de ficção, especificamente a literatura brasileira. Essa focalização no tema da homoafetividade⁸ não soa como modismo, mas como uma necessidade de se pensar, através das personagens e narradores da ficção, conceitos e posições como alteridade, tolerância, aceitação, respeito ao ser humano por uma das formas material-discursivas que tem um caráter humanizador do sujeito, no dizer de Candido (1995), a saber, a literatura de ficção.

A característica desta demanda é a necessidade de tornar visível, na e pela literatura, a escrita que aborda a temática homoerótica, através de um estilo marcado pela escrita de si, como possibilidade de as alteridades, muitas vezes negadas socialmente, serem também entendidas na e pela cultura brasileira. Essas têm se levantado em multidão, conforme pensamento de Preciado (2003), defendendo ou não ‘bandeira’ e ganhado visibilidade nas mídias, nas políticas públicas e na jurisprudência, fatos que tornam relevante a incorporação, por escritores, dessas configurações na literatura. Para além das questões de ordem estética, segundo a visão de Garcia (2000), tornar visível o que foi considerado uma subcultura (NAPHY, 2006) é a reivindicação tácita daqueles que escrevem ficção de temática homoerótica, como também

⁸Termo mais recente nesse campo de discussão, por nós aqui adotado (além do termo *gay*), embora outros pesquisadores, a exemplo de Jurandir Freire Costa, José Carlos Barcellos, Mário César Lugarinho, Denilson Lopes, José Luiz Foureaux Souza Júnior e outros prefiram *homoerótico* ou *gay*.

daqueles que se apropriam desta produção para demarcar lugares no âmbito da academia, para construir outro valor de leitura do texto literário.

Marina Colasanti, em um conto intitulado *Apoiando-se no espaço vazio*, conduz o leitor, através da voz narradora do texto, a conhecer a estória de Ching-Ping-Mei e de seu marido, casados há mais de 20 anos. O conto estrutura-se como um instantâneo de um diagnóstico médico que traz à luz a ‘condição’ sexual e existencial das duas personagens centrais: depois de Ching-Ping-Mei ter sido examinada, o narrador explicita que a mulher nunca pudera ter tido filhos porque era, em verdade, homem; e o marido, meio perplexo, não tinha em que se apoiar, porque ele, até aquele momento, vivendo como homem, biologicamente era uma mulher.⁹ A narrativa atualiza uma problemática tão antiga quanto às estruturas socioculturais das comunidades de todos os recantos do mundo, que instituíram modos de ‘ser’ e de ‘estar’ dos seus sujeitos, principalmente quanto às performances de gênero, quanto aos estilos de vida pública e coletiva, ou seja, quanto às formas de as pessoas se relacionarem nos domínios do coletivo e/ou da vida privada.

Na esteira do conto de Colasanti, uma das produções literárias mais recentes, *A fantástica literatura queer*, reelabora a concepção de fantástico na perspectiva *queer*, vez que esta produção congrega autores e narrativas que pensam subjetividades, valores, mundos e estilos de vida pautados no pessoal, no coletivo, nas *multitudes queer* (PRECIADO, 2003), no universo do provável, menos na lógica binária, conservadora, para muitos arcaica e em declínio, que interpretou as pessoas (projetadas nas personagens da ficção) como pertencentes a identidades fechadas, engessadas, bastante enraizadas em modelos de sujeitos, como se fosse possível um ‘universo do imutável’.

O título em apreço, publicado em quatro volumes, destacados pela cor da capa (vermelho, laranja, amarelo e verde), confere à literatura brasileira contemporânea uma importância singular naquilo que só mesmo após a década de 1980 foi possível de, numa lógica paralela à da *saída do armário* ou *coming out*¹⁰ dos sujeitos de sexualidade diversa

(SEDGWICK, 2008), ser produzida e, assim, demarcar território, conquistar um público leitor, criar uma demanda, ser objeto ou foco da crítica literária, ser produzida numa dinâmica sistematizada que relaciona editoras, leitores, mercado e mercadoria.

Isso vem configurar uma escrita que rearticula esteticamente as demandas política e ficcional das discussões em torno das sexualidades, dos não e pós-sujeitos, das pessoas que se orientam sexual e afetivamente para os do mesmo sexo e que aderem a um estilo de vida fundado numa ‘verdade’ distante do essencialismo que tanto justificou os sujeitos nas culturas ocidentais, como também fundado numa perspectiva bastante ‘avancada’, mesmo para os dias de hoje, em que as pessoas são concebidas não como desorientadas ou em estado caótico quanto ao seu ‘ser’ ou ‘estar’ no mundo, mas também não alicerçadas em raízes imutáveis.

Em 2010 outras obras da literatura brasileira contemporânea como *Olívia tem dois papais*, de Márcia Leite e *Meus dois pais*, de Walcyr Carrasco, surgem acirrando a discussão da homoafetividade já polemizada em obras anteriores como *O gato que gostava de cenoura*, de Rubem Alves, *O menino que brincava de ser*, de Georgina da Costa Martins, e *Menino ama menino*, de Marilene Godinho¹¹. A particularidade dessas obras é o tratamento da homoafetividade através de personagens crianças, fato recente na história da literatura brasileira que sempre teve receio de problematizar questões de ordem do corpo e da sexualidade nas e pelas falas de crianças dessas narrativas para o público jovem.

Esses exemplos são reveladores de que não é à toa o chamar a atenção para o fato de que vários estudiosos da literatura nacional, se não se sentem à vontade para discutir abertamente essa questão que tem alterado a paisagem representacional dos temas e dos sujeitos que habitam a ficção nacional contemporânea, podem começar a pensar o atual estado dessa literatura, atentando para a emergência de temas, autores e obras que sustentam toda uma discussão atual e polêmica em torno da temática

⁹É evidente que o conto trabalha com as noções binárias e clássicas de homem e mulher, conceitos culturais forjados a partir unicamente da marcação biológica, reafirmando a necessidade do tratamento do tema, na e pela literatura, a partir da não discussão da diversidade sexual e de gênero no conto. O vazio deixado no discurso quanto ao tema é preenchido pelas leituras que estabelecemos hoje.

¹⁰Sedgwick (2008), em *Epistemology of the Closet*, aponta para os perigos que os sujeitos *queer* enfrentam nos processos de ‘saída do armário’, metáfora utilizada para designar a atitude de viver às claras a subjetividade construída. Apesar de compreender esta saída como uma estratégia para a exposição de si sem falseamentos ou máscaras, chama a atenção para as manobras sociais que podem acirrar as ‘diferenças’ entre seus sujeitos, a partir da livre exposição de seus diferentes.

¹¹Cito esses três títulos, mas outros fazem parte do rol de obras que configuram a literatura infanto-juvenil de temática homoafetiva como *O amor não escolhe sexo* (1987), de Giselda Laporta Nicolelis, *Cartas marcadas: uma história de amor entre iguais* (2007), de Antonio Gil Neto e Edson Gabriel Garcia, *É proibido miar* (1995), de Pedro Bandeira, *Sempre por perto* (2006), de Ana Cláudia Ramos, dentre outros já estudados por Luciano Ferreira da Silva em tese de doutoramento sobre personagens homoafetivas da literatura infanto-juvenil brasileira (2006), e por Facco (2009), que transformou sua tese de doutorado no livro *Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação infanto-juvenil*. Dias (2009) discutiu a mesma problemática, a partir de obras de língua inglesa, no livro *O príncipe, o mocinho ou o herói podem ser gays: a análise do discurso de livros infantis abordando a sexualidade com foco na homossexualidade*. Embora a discussão desse último livro seja superficial e esteja despidida do caráter acadêmico-científico, ressaltamos a importância da discussão que suscita outras escritas críticas sobre o tema em foco. Em 2012, foi publicado o livro *O pintinho gay*, de Pedro José Branco Ribeiro, mais uma obra preocupada com questões referentes à diversidade e às diferenças sexuais e de gênero, a partir da infância.

relacionada aos afetos, às intimidades e às sexualidades e formas de se comportar afetivo-sexualmente das pessoas que são projetadas na literatura de ficção via personagens.

Obras como Aspectos da literatura gay (SILVA, 2008), Configurações homoeróticas na literatura (SILVA; CAMARGO, 2009), Literatura contemporânea e homoafetividade (SILVA, 2011), Estilísticas da sexualidade (VALE; PAIVA, 2006), Literatura e homoerotismo em questão (BARCELLOS, 2006), Herdeiros de Sísifo: Teoria da literatura e homoerotismo (SOUZA JÚNIOR, 2007), A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil (SANTOS; GARCIA, 2002), além de outras, são títulos que, juntos, compõem um campo de estudo da literatura brasileira que lança olhares sobre uma produção contemporânea que emerge com potencial suficiente para, esteticamente, travar batalhas relacionadas às condições ou modos de ser-estar sujeitos, através de personagens ou narradores.

Títulos como estes que encontramos no Brasil nas duas últimas décadas¹² provam que uma *transformação da intimidade* (GIDDENS, 1993) também ocorre nesse sistema de representação estética que é a literatura de ficção. Essa transformação exige da relação autor-obra-mercado-público outra abordagem, já que aspectos pragmáticos da experiência sociocultural dos sujeitos são transpostos para a realidade ficcional de forma que uma cultura letrada como a nossa, e ainda fortemente adepta do livro como código, exige que as páginas desse suporte tratem a realidade da diversidade sexual como um tema instigante, provocador e capaz de abranger várias perspectivas de estudos; e que reorientem práticas de leituras de textos que possam suscitar discussões em torno da vivência e da movência das personagens que abraçam, à luz das práticas discursivas de seus autores, o desejo *gay* como o indutor para problematizar um estilo de vida próprio e que também possa ser percebido na urdidura ficcional.

É verdade que o número de títulos dessa ficção que aborda o desejo *gay* não corresponde a um montante considerável, se adotarmos a perspectiva linear ou histórico-diacrônica da produção literária e constitutiva do cânone literário brasileiro. Todavia, se considerarmos o aspecto sincrônico, datado, particularizado ou isolado, até porque essa produção se ajusta mais certamente a essa perspectiva, perceberemos que a década de 1980 marca, no Brasil, uma espécie de *boom* da tematização da subcultura e do desejo *gays* na ficção brasileira. Quanto à década de 1990 e aos primeiros anos do século XXI, vimos surgir e ir se solidificando, entre nós, essa literatura, firmando-se de forma bastante ‘amadurecida’, embora negada por uma parte de pesquisadores e desconhecida de outra.

Essa produção no contexto contemporâneo brasileiro, vista por algumas casas editoriais como possível de ser produzida, alimentada, conquistada por um público leitor em alta escala (Edições GLS, Escândalo, Metanóia, Malagueta, o selo Summus da Record), emerge também devido à urgência de que seja conhecida e apreciada por leitores e produtores, para um mercado consumidor. Tudo isso é evidente, relacionado às vivências das pessoas que convivem em uma época cuja característica central gira em torno da descoberta dos outros e diferentes, do respeito, da tolerância e da visibilidade dos que se articulam política, afetivo e culturalmente em coletividade (nichos, guetos e comunidades), que se identificam com a diversidade sexual, sem que esta seja exclusivamente o elemento/categoria norteador da ‘identidade’, subjetividade dos sujeitos em seus grupos de pertença.

À medida que a intimidade é transformada nas culturas, as literaturas encontram formas de correlacionar as condições de produção àquilo que é plasmado nas páginas da ficção. Longe de subverter ou de querer ser uma literatura à parte, essa produção, pela importância e necessidade, emerge como alternativa ou como possibilidade. Soma-se a toda uma produção já consolidada no cânone e no campo literário brasileiro. Contudo, nem por isso menor ou querendo superestimar os títulos da tradição e de valor clássico. Essa produção exige uma leitura mais aprofundada por parte dos estudiosos, para que possa ser incorporada com mais autoridade e sem questionamentos ao campo da ‘literatura de expressão *gay*’, que traduz uma filosofia do sujeito contemporâneo, constantemente questionador e desacreditado de estruturas ou categorias fixas como a de sujeito, conforme já apontado por Hall (1997), desestabilizado de seus antigos alicerces culturais (seus valores e suas crenças no sujeito), como argumentou

¹²Dos mais de duzentos títulos da literatura brasileira de expressão gay, catalogados por nós em pesquisa financiada pelo CNPq, relacionamos aqui, a título de exemplo, 29 deles, lançados na última década: *Corações, blues e serpentinhas* (2007), de Lima Trindade, *Entre nós – contos sobre homossexualidade* (2007), organizado por Luiz Ruffato, *Um estranho em mim* (1999), de Marcos Lacerda, *O terceiro travesseiro* (1997) e *Apartamento 41* (2001), de Nelson Luiz de Carvalho, respectivamente, *Poesia gay underground: história e glória* (2008), de Hugo Guimarães, *Olívio* (2003), de Santiago Nazarian, *São Paulo: 1930 – um romance proibido* (2004), de Fabrício de Oliveira, *Anatomia da noite* (2009), *Matéria básica* (2007) e *No presente* (2008), de Márcio El-Jaick, respectivamente, *Da vida dos pássaros* (2009), de Alexandre Ribondi, *Longa carta para Mila* (2006), de Andréa Ormond, *A céu aberto* (2008), de João Gilberto Noll, *Lábios que beijei* (1992), de Aguinaldo Silva, *Cão danado solto na noite* (1999), de Ricardo Thomé, *Cinema Orly* (1999), de Luís Capucho, *Amores no masculino* (2006), de André Ranzatti, *Trem fantasma* (2002), de Carlos Hee, *O teatro dos anjos* (2009), de Dirceu Kateck, *Bundo e outros poemas* (1996), de Valdo Motta, *Cicatrices e tatuagens* (2007), de Felipe Alfaiade, *Julietta e Julieta* (1998), de Fátima Mesquita, *Triunfo dos pelos e outros contos* GLS (2000), organizado por João Silvério Trevisan, *Caçadores noturnos* (2001), de Felipe Greco, *Musica para quando as luzes se apagam* (2007), de Ismael Canepelle, *Stella Manhattan* (1991), de Silvano Santiago, *Abra e entre* (2003), de Gisele Joras, *Depois de sábado à noite* (2008), de Kiko Riazze.

Berman (1986), que ocupa os interstícios da cultura ou chega a ser fomentado nos entre-lugares, na linguagem de Santiago (1978) e Bhabha (1998).

Considerações finais

Para o campo literário brasileiro, a crítica em torno da 'literatura de expressão gay' torna-se vetor importante nos estudos lésbicos, *gays* e *queer* porque encampa uma discussão não tão recente, mas que emerge com vigor nas últimas décadas: a escrita de si (LECLERCQ; MONSEU, 2009; GOMES, 2004) ou a escrita do outro (KLINGER, 2007), que relaciona em seu campo discursivo orientações teórico-metodológicas em torno da escrita de memória (CARLOS; ESTEVES, 2009), das aporias entre o eu biográfico e o eu ficcional ou do narrador ensimesmado (DAL FARRA, 1978). Entendemos essa expressão (literatura de expressão gay) não como um neologismo à brasileira, mas como uma aproximação, pela novidade (escrita de si), com a possibilidade de outro olhar sobre a temática sistematicamente produzida nas últimas décadas em contexto de Brasil e que faz emergir uma estética do 'biográfico', aproximando-se, nessa perspectiva, d'O pacto autobiográfico, como pensou Lejeune (1996), em que o si mesmo é visto como o outro, no dizer de Ricoeur (1991).

É evidente que se cadencia, paulatinamente, a importância dessa discussão para os estudos literários, não só do Brasil, mas de quaisquer culturas letradas e produtoras de ficção dessa natureza, principalmente, porque traz à tona um conceito bastante discutido no Ocidente, quando se pensa em dirimir questões do texto literário envolvendo autor e narrador. De acordo com Maingueneau (2008) e Amossy (2008), a noção de 'ethos discursivo' reitera uma antiga prática retórica da Grécia aristotélica: o caráter que o enunciador precisa imprimir ao seu discurso para que convença o(s) seu(s) interlocutor(es) acerca das prováveis identificações de si ou de seu discurso com o outro.

No caso da 'literatura de expressão gay', a noção de *ethos* não só atualiza, mas, sobretudo, reitera a escrita de si, uma escrita de memória firmada num 'pacto (auto)biográfico' que relaciona, de modo verossímil, o sujeito da escrita/biográfico (o autor) ao sujeito escrito/ficcional (narrador, personagem), ampliando-se a discussão e, em muitas delas, anulando-se ou igualando-se antigas bases convencionadas entre a 'pessoa/biografia' e a 'personagem-narrador/ficção'. No caso da 'literatura de expressão gay', fica evidente que, devido às várias polêmicas em torno do assunto, a exemplo do que pensam Tapié (1999), Edelman (1998), Halperin

(1998), Pitta (2003), Barcellos (2006), Moriconi (2002), há uma identificação quase amalgamada entre o escritor que se assume *gay* e a sua produção de teor *gay*. Críticos e teóricos da literatura apoderam-se dessa perspectiva e afirmam, sem nenhuma dúvida, a indissociável relação autoria e produção *gays*, chegando-se à posição radical de que só é possível produzir literatura *gay* quem se assume pessoa/escritor *gay*, posição não reiterada por nós, vez que percebemos a relação autor-personagem na circunscrição da verossimilhança, não na esteira daquilo a que denominamos de verdade.

À parte essas questões, a literatura que problematiza o desejo *gay* carrega consigo um teor particular, quase interno, que a singulariza sem, com isso, torná-la menos ou mais importante que toda a tradição literária desenvolvida e canonizada nas e pelas culturas, mesmo em suas compartimentalizações. A singularidade que a torna 'especial' diz respeito a uma sistematização ou a uma forma específica de o narrador desenvolver a história narrada e nela fazer atuar as personagens: a 'literatura de expressão gay', em quase sua exclusividade, utiliza-se da 'primeira pessoa' para narrar os fatos acontecidos. As obras que narram os fatos em 'terceira pessoa' utilizam-se do discurso do narrador para engendrar na narrativa a tipicidade discursiva ou o ponto de vista sobre o qual as ações são narradas, dando-se sempre voz e direito às personagens homoafetivas, esvaziando, pelas vozes narradoras, as projeções preconceituosas e discriminatórias que determinados narradores mantinham em relação às personagens *gays*¹³ que são encontradas em textos da primeira metade do século 20.

Essa marca se torna importante não porque vem reivindicar uma literatura em particular, mas porque atualiza uma tendência antes exclusiva da denominada literatura (auto) biográfica de si, do eu. É evidente que as descrições teóricas desta escrita continuam como foram estudadas, a partir dos registros feitos nas culturas; todavia, atualmente, principalmente em razão de questões de ordem política quanto às pessoas homoafetivas e suas experiências de vida relacionadas ao registro literário, artístico e/ou histórico, a escrita de si toma outra dimensão: ela deixa de se referir unicamente a uma forma específica de dizer o si e o outro e passa a encampar esse si mesmo na perspectiva do homoafetivo que se re-presenta não e unicamente a

¹³ Os narradores dos contos *História de gente alegre*, de João do Rio (2007), *A moralista*, de Dinah Silveira de Queirós (2007), *O iniciado do vento*, de Aníbal Machado (2007), *Pílades e Orestes*, de Machado de Assis (2007) – todos compondo a obra organizada por Ruffato (2007), *Entre nós* –, por exemplo, deixam explícita, ao longo das histórias, a visão preconceituosa, moralista e discriminatória quanto às personagens homossexuais: estas são interpretadas de forma negativa. Note-se que, apesar da edição utilizada ser bastante recente, estes textos citados datam de mais de meio século, no mínimo.

si mesmo na dimensão literária, mas estabelece politicamente uma re-presentação de sujeitos e estilos de vida homoafetivos, sendo porta-voz de toda uma subjetividade que se vê visibilizada, projetada, configurada, vale salientar, de várias formas possíveis, assumindo, através das performances das personagens, papéis múltiplos e ocupando espaços vários nas sociedades em que são postas a atuar.

A escrita de si torna-se, assim, um foco de interesse para os estudos literários porque redimensiona a base interpretativa dessa discussão, trazendo à baila um conteúdo e uma forma de narrar não inéditas, mas com grande projeção no campo representacional da literatura e exibidos constantemente pelas mídias. Essa escrita valoriza personagens que são realidades verossímeis de sujeitos focados por várias políticas públicas. Como a literatura tem a capacidade de fazer transitar em seus espaços os tipos sociais, as personagens ‘encarnam’ vários modelos de pessoas com as quais convivemos na denominada vida real; no âmbito da diversidade, elas, as personagens – lésbicas, *gays* ou *queer*¹⁴ –, são, ou estão, nas histórias construídas, desde as que constroem para si modos de subjetivar seu estilo de vida, pautado em pressupostos *queer*, às que, embora de orientação afetivo-sexual divergente da heteronormatividade, tangenciam o modelo de vida que não as aceitam: incorporam e tentam negociar, paradoxalmente, o modelo de vida que negam para não serem discriminadas socialmente.

Cremos que as questões lésbicas, *gays* e *queer* não devem passar em brancas nuvens pelos estudos literários. Às vezes, um olhar desinteressado do estudioso, por ter como menor a discussão e esta literatura pode impedi-lo de se debruçar sobre esse objeto, negando-se a entender a recepção, o mercado, o investimento nessa área. Lembremos que as estratégias de marketing sobre essa ‘mercadoria’ alcançam hoje uma demanda antes não imaginada; são várias as defesas de dissertações e teses que acompanham e tornam visível o assunto pelas obras literárias; várias remissões são feitas a títulos, autores e outros textos lançados no mercado, a partir de enredos engendrados na ficção literária, como filmes, peças dramatúrgicas, documentários e músicas. Para além das questões mercadológicas, não se pode negar os impactos que a leitura do texto literário provoca nos leitores, quando estes, em seus ‘lugares de pertença’ (trabalho, círculos de amizade) passam a formar uma opinião sobre uma obra, adotando-a como leitura e, por extensão,

provocando os demais leitores a uma reflexão sobre as ‘questões *gays*’ tão polêmicas, ainda, quanto necessárias em nossos dias.

A ‘literatura de expressão *gay*’ hoje tem acompanhado a transformação da intimidade dos sujeitos, proporcionando às suas personagens uma experiência subjetiva que se coaduna com os atuais estágios de discussão em torno das políticas em favor dos sujeitos nas culturas e nas sociedades, das formas de ler e interpretar o outro. Em decorrência desse quadro, garante-se, via estética e política próprias¹⁵, a vivência de subjetividades (não apenas homoafetivas), de diferenças e de estilos de vida antes não pensados nas e por culturas cujas estruturas político-organizacionais estiveram sempre centradas em um grupo majoritário (fato que desembocava nas representações sociais, subjetivas).

Este grupo, socialmente convencionalizado, caracteriza-se como heterossexual, branco, cristão, de família nuclear, não portador de necessidades especiais e preocupado com categorias como idade (priorizando-se a juventude), sexualidade (marginalizando as performances e estilos fora do padrão hetero), cor (o pensamento majoritário branco impedia o acesso dos negros e de demais subjetividades étnicas ao poder), corpo (completo e perfeito era o priorizado pelo Estado, desconsiderando os corpos mutilados, enxertados, refeitos, montados, faltosos, surdos, mudos, cegos, tetraplégicos, anões, hermafroditas, dentre outros).

A expressão homoafetiva por uma voz que (se) narra distante do preconceito, do estereótipo e da discriminação é ponto crucial para se entender o pensamento em processo de uma subjetividade que ascende ao patamar da escrita, que nega o dizer de si pela voz do outro quando abraça, por si, o construir uma visão da subjetivação em que se encontra ou em devir, reformulando-se as perspectivas sobre os modos de dizer do eu. As vozes cruzadas ou as interfaces autor e narrador con-fundem-se, por assim dizer, numa tônica nem sempre visível, nem sempre possível de ser estabelecida, pois há escritas como as de Ferreira Leal (*Um homem gasto*), Adolfo Caminha (*O Bom-Crioulo*), Abel Botelho (*O Barão de Lavos*), Machado de Assis (*Pílades e Orestes*), Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*), produções da ‘alta literatura’, cujos enredos são organizados em torno da questão homoafetiva, mas sem que se faça uma relação direta entre as subjetividades da autoria e das vozes narrantes ou personagens homoeróticas; ao mesmo tempo, por

¹⁴A preferência pelo termo *gay* ou homoafetivo é motivada por questões de ordem operacional, vez que simplifica a discussão e não torna detalhista nem descritivo o encontro discursivo com os vários eus *homo*, embora torne problemática a relação com os vários outros de orientação do desejo e estilo de vida para o mesmo sexo.

¹⁵A ‘Literatura de expressão *gay*’ é assim entendida não somente por manter como temática central questões homoeróticas ou mimetizar problemas dos sujeitos de orientação homoafetiva. Há também questões de linguagem como as escolhas lexicais, as zonas corporais que são motivos literários nos textos, geralmente zonas abjetas, as formas de narrar, quase exclusivamente em primeira pessoa, dentre outros elementos que exigiria uma discussão mais ampla, fato não possível no espaço deste artigo.

outro lado, grande parte da produção literária de temática homoafetiva tem sido produzida por sujeitos homoafetivos, a exemplo de *A la recherche du temps perdu* (*Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust), *L'imoraliste* (*O imoralista*, de André Gide), *Frederico Paciência* (de Mário de Andrade), *Stella Manhattan* (de Silviano Santiago), parte da produção de Caio Fernando Abreu, para ficar em alguns autores também canonizados, além daqueles citados na nota 12 e da maior parte dos escritores aqui não mencionados.

Os motivos aqui discutidos nos fazem concluir, provisoriamente, que urge desvendar os ainda polêmicos aspectos que gravitam em torno da 'literatura de expressão gay'. Percebemos a necessidade dessas reflexões para consolidar esse campo de estudo, na intenção de que os silêncios, os vazios e questões obscuras sejam dirimidas, e essa produção/escrita, de temática bastante singular, seja levada a sério como literatura, não como manifestação ou registro de pessoas homoafetivas que se apropriam do ato de escrever para relatar seu cotidiano (falacioso esse discurso que interpreta a voz gay na literatura de ficção).

A escrita de si emerge como uma produção bastante valorizada, porque em tempos de negociações estético-políticas, as várias literaturas têm alcançado *status* antes não pensados porque 'confessam', nas páginas da ficção, o drama das personagens homoafetivas, seus afetos, suas formas de amar, a diversidade sexual, 'o desejo homossexual' (HOCQUENGHEM, 2009). Talvez o motivo de toda uma gama de resistência relacionada a essa produção seja o fato de ela revelar uma faceta não (re)conhecida por pessoas ainda não abertas às várias formas de ser e de estar no mundo. Concluímos que é preciso ir além de valores pessoais que interferem na leitura/recepção de obras literárias. É preciso que o estudioso da literatura tome essa produção, leia-a, estude-a, questione-a, fale sobre ela de forma profunda para não correr o risco de deixar de (re)conhecer uma produção que, pelo número de títulos, configura uma escrita, uma memória, um registro gays de grande importância para as reflexões em torno da literatura brasileira contemporânea.

Referências

- ABREU, C. F. Aqueles dois. In: ABREU, C. F. (Ed.). **Morangos mofados**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986. p. 145-156.
- ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica**. Tradução Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ALFACE, F. **Cicatrizes e tatuagens**. São Paulo: GLS, 2007.

- AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-28.
- ASSIS, M. Pilades e Orestes. In: RUFFATO, L. (Org.). **Entre nós**. Contos sobre homossexualidade. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 23-36.
- BAGOAS - **Estudos gays** – gêneros e sexualidades. Rio Grande do Norte: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.
- BANDEIRA, P. **É proibido miar**. São Paulo: Moderna, 1995.
- BARCELLOS, J. C. **Literatura e homoerotismo em questão**. São Paulo: Dialogarts, 2006.
- BAZÁN, O. **Historia de la homosexualidad en la Argentina** – de la conquista de América al siglo XXI. Buenos Aires: Marea, 2006.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.
- BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.
- CANDIDO, A. Direito à literatura. In: CANDIDO, A. (Ed.). **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANEPPELLE, I. **Música para quando as luzes se apagam**. São Paulo: Jaboticaba, 2007.
- CAPUCHO, L. **Cinema Orly**. Rio de Janeiro: Interlúdio Editora, 1999.
- CARLOS, A. M.; ESTEVES, A. R. **Narrativas do eu**: a memória através da escrita. Assis: Unesp, 2009.
- CARVALHO, G. Literatura e homoerotismo: alteridade e paixão. In: VALE, A. F. C.; PAIVA, A. C. S. (Org.). **Estilísticas da sexualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 229-240.
- CARVALHO, N. L. **Apartamento 41**. São Paulo: GLS, 2001.
- CARVALHO, N. L. **O terceiro travesseiro**. São Paulo: GLS, 1997.
- CASCAIS, A. F. **Indisciplinar a teoria**: estudos gays, lésbicos e queer. Lisboa: Fenda, 2004.
- DAL FARRA, M. L. **O narrador ensimesmado**. São Paulo: Ática, 1978.
- DIAS, R. M. **O príncipe, o mocinho ou o herói podem ser gays**: a análise do discurso de livros infantis abordando a sexualidade com foco na homossexualidade. Brasília: Clube de Autores, 2009.
- DOVER, K. J. **A homossexualidade na Grécia antiga**. Tradução Luís Krauss. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.
- DRAKE, R. **The gay cânon**: great books every gay man should read. New York: Anchor Books, 1998.

- EDELMAN, L. Homographesis. In: RIKVIN, J.; RYAN, M. (Ed.). **Theory of literature: an anthology**. Oxford: Blackwell, 1998. p. 731-744.
- EL-JAICK, M. **Anatomia da noite**. São Paulo: GLS, 2009.
- EL-JAICK, M. **Matéria básica**. São Paulo: GLS, 2007.
- EL-JAICK, M. **No presente** – romance. São Paulo: GLS, 2008.
- FACCO, L. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus, 2009.
- GARCIA, W. **A forma estranha**: ensaios sobre cultura e homoerotismo. São Paulo: Edições Pulsar, 2000.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.
- GIL NETO, A.; GARCIA, E.G. **Cartas marcadas** – uma história de amor entre iguais. São Paulo: Cortez, 2007.
- GOMES, A. C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GRECO, F. **Caçadores noturnos**. São Paulo: Desatino, 2001.
- GUIMARÃES, H. **Poesia gay underground**: história e glória. São Paulo: Annablume, 2008.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HALPERIN, D. M. L'identité gay après Foucault. In: ERIBON, D. (Dir.). **Les études gay e lesbiennes**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1998. p. 117-123.
- HEE, C. **Trem fantasma**. São Paulo: Mandarim, 2002.
- HOCQUENGHEM, G. **El deseo homosexual**. Madrid: Melusina, 2009.
- INGENSCHAY, D. **Desde aceras opuestas**: literatura/cultura gay y lesbiana en Latinoamérica. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2006.
- JORAS, G. **Abra e entre**. São Paulo: Landscape, 2003.
- KATECK, D. **O teatro dos anjos**. São Paulo: Giz Editorial, 2009.
- KLINGER, D. I. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- LACERDA, M. **Um estranho em mim**. João Pessoa: Editora da UFPB, 1999.
- LECLERCQ, J.; MONSEU, N. **Phénoménologies littéraires de l'écriture de soi**. Dijon: Université de Dijon, 2009.
- LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1996.
- LEMOS, S. A inexistência da literatura 'invertida'. In: VALE, A. F. C.; PAIVA, A. C. S. (Org.). **Estilísticas da sexualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 257-267.
- LIMA, L. C. Representação social e mimesis. In: LIMA, L. C. (Ed.). **Dispersa demanda**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 216-236.
- LOPES, D.; BENTO, B.; ABOUD, S.; GARCIA, W. **Imagem e diversidade sexual** – estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.
- LOPES, D. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- MACHADO, A. O iniciado no vento. In: RUFFATO, L. (Org.). **Entre nós. Contos sobre homossexualidade**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 49-90.
- MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008. p. 69-92.
- MELO, A. **El amor de los muchachos** – homosexualidad e literatura. Buenos Aires: Ediciones LEA, 2005.
- MESQUITA, F. **Julieta e Julieta**. São Paulo: Summus, 1998.
- MORENO, A. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Funarte; Niterói: Editora da EdUFF, 2001.
- MOTTA, V. **Bundo e outros poemas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MORICONI, Í. Literatura moderna e homossexualismo (Pressupostos básicos, ou melhor, mínimos). In: GOLIN, C.; WEILER, G. (Org.). **Homossexualidades, cultura e política**. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 95-110.
- NAPHY, W. **Born to be gay**. História da homossexualidade. Tradução Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.
- NAZARIAN, S. **Olívio**. São Paulo: Talento, 2003.
- NICOLELIS, G. L. **O amor não escolhe sexo**. São Paulo: Moderna, 1997.
- NOLL, J. G. **A céu aberto**. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2008.
- OLIVEIRA, F. **São Paulo**: 1930. Um romance proibido. São Paulo: Editora Eterna, 2004.
- ORMOND, A. **Longa carta para Mila**. São Paulo: GLS, 2006.
- PITTA, E. **Fratura** – a condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea. Coimbra: Ângelus Novus, 2003.
- PRECIADO, B. Multitudes queer – Notes pour une politiques des 'anormaux'. **Multitudes**, v. 12, n. 2, p. 17-25, 2003.
- QUEIRÓS, D. S. A moralista. In: RUFFATO, L. (Org.). **Entre nós. Contos sobre homossexualidade**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, 91-98.
- RANZATTI, A. **Amores no masculino**. São Paulo: Editora do Autor, 2006.
- RAMOS, A. C. **Sempre por perto**. São Paulo: Cortez, 2006.
- RIAZE, K. **Depois de sábado à noite**. Porto Alegre: Fábrica de Leitura, 2008.
- RIBONDI, A. **Da vida dos pássaros**. São Paulo: GLS, 2009.
- RICOEUR, P. **O si mesmo como um outro**. São Paulo: Papirus, 1991.

- RIO, J. História de gente alegre. In: RUFFATO, L. (Org.). **Entre nós. Contos sobre homossexualidade**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 37-48.
- RUFFATO, L. **Entre nós**. Contos sobre homossexualidade. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latinoamericano. In: SANTIAGO, S. (Ed.). **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 11-28.
- SANTIAGO, S. **Stella Manhattan**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- SANTOS, R.; GARCIA, W. **A escrita de Adé**: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil. São Paulo: Xamã, 2002.
- SEDGWICK, E. K. Epistemology of the closet. In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. H. (Org.). **The lesbian and gay studies readers**. New York/London: Routledge, 2008. p. 45-61.
- SILVA, A. **Lábios que beijei**. O romance da Lapa. São Paulo: Siciliano, 1992.
- SILVA, A. P. D. **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.
- SILVA, A. P. D. **Literatura contemporânea e homoafetividade**. João Pessoa: Editora da UFPB/Realize, 2011.
- SILVA, A. P. D.; CAMARGO, F. P. **Configurações homoeróticas na literatura**. São Paulo: ClaraLuz, 2009.
- SILVA, L. F. **Vozes de um desejo**: homoerotismo e homosociabilidade na literatura infanto-juvenil brasileira. 2006. 204f. Tese (Doutorado em Teoria Literária)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- SOUZA JÚNIOR, J. L. F. **Herdeiros de Sísifo**: teoria da literatura e homoerotismo. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2007.
- TAPIÉ, J. P. Lis te ratures, gai!. In: SALDUCCI, P. (Dir.). **Écrire gai**. Québec: Editions Internationales Alain Stanké, 1999. p. 15-33.
- THOMÉ, R. **Cão danado solto na noite**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1999.
- TRIUNFO DOS PÊLOS** e outros contos gls. [apresentação de André Fischer e prefácio de João Silvério Trevisan]. São Paulo: Summus, 2000.
- TRINDADE, L. **Corações, blues e serpentinas**. São Paulo: Arte Pau Brasil, 2007.
- VALE, A. F. C.; PAIVA, A. C. S. **Estilísticas da sexualidade**. Campinas: Pontes, 2006.
- WOODS, G. **A history of gay literature – the male tradition**. New Haven/London: Yale University Press, 1998.

Received on April 18, 2013.

Accepted on September 16, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.